



A Condenação no Telejornalismo: A Apresentação do “Criminoso” no Jornal Nacional e no Jornal da Band¹

Michele Negrini²
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a forma como os criminosos são apresentados em reportagens sobre a morte levadas ao ar no Jornal Nacional e no Jornal da Band. Como objeto, analisamos seis edições do JN e seis edições do JB, que foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o corpus. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. Tomamos como suporte metodológico a Análise do Discurso de Linha Francesa.

Palavras-chave: telejornalismo; maniqueísmo; morte; criminosos.

A TV tem destaque entre os veículos de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem espaço no cotidiano do público. Para Rezende (2000, p.31): “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”. Na atualidade, ela tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de enfocar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação da espetacularização no contexto televisivo. Esta espetacularização é um ingrediente presente, inclusive, na

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. Email: mmnegrini@yahoo.com.br.



grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de sedução do público.

A TV é um veículo que fascina o grande público. Dá possibilidades aos indivíduos de obterem novidades, de se entreterem e de terem uma compreensão diversificada do mundo. É um meio de comunicação com ampla inserção entre públicos distintos e heterogêneos, podendo ser uma forma de laço entre eles.

Um conjunto de elementos, como exploração das emoções e especulações sobre a vida particular das pessoas envolvidas nos casos apresentados, misturados com itens do jornalismo ocupam constantemente o espaço do jornalismo televisivo. Falar na união entre jornalismo e espetacularização remete à postura de muitos telejornais, como o Jornal Nacional e o Jornal da Band, frente a eventos que envolvem temas polêmicos, como a morte.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band são telejornais de credibilidade no cenário nacional e, cada um com suas peculiaridades, possuem configurações que os tornam objetos interessantes e singulares para estudos. Estamos tratando de telejornais de referência e com respaldo entre o público, mas que, ao abordarem a morte, principalmente resultante de crimes violentos, acabam recorrendo a recursos espetaculares. Os dois telejornais têm um discurso maniqueísta, que mostra criminoso como tendo somente defeitos e a vítima portadora de qualidades.

Como o foco deste estudo é a reflexão sobre a construção da imagem dos criminosos no jornalismo televisivo em reportagens sobre a morte, é pertinente uma breve discussão sobre a espetacularização da finitude humana na TV.

Quando falamos da cobertura televisiva a pautas polêmicas e, ao mesmo tempo presentes na sociedade brasileira, como violência e morte, a expectativa quanto aos meios de comunicação é a de que sejam instrumentos de vigilância e tenham seu foco na promoção de valores. Na prática do jornalismo cotidiano, nem sempre os meios atuam como mantenedores de valores; muitas vezes, trabalham assuntos polêmicos de forma a destacar o que eles têm de mais espetacular.

A crescente presença da espetacularização nos meios de comunicação, principalmente na televisão, pode ser considerada uma tendência nos dias atuais. A apresentação de *shows* é mais que um simples modismo; ela já está consolidada, e, na maioria das vezes, sustenta elevados índices de audiência. Na programação televisiva, são comuns os programas que levam ao ar debates sobre questões do cotidiano humano, como a resolução de questões sobre a vida privada de pessoas anônimas – tais questões,



muitas vezes, sem relevância para o grande público. No caso de programas tidos como de jornalismo, é costumeira a apresentação de blocos que acoplam jornalismo com espetacularização.

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são percebíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salienta que no espetáculo não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares.

O telejornal, mais que o jornalismo impresso, tem de entreter. O tempo todo. Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. O retumbante é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. O apresentador do telejornal é outro ingrediente-chave. Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa do telejornal (BUCCI, 2000, p. 29).

O espetáculo explora os componentes visuais da mensagem, com o objetivo de causar fascinação no público. O formato espetacular, que é próprio das emissões de ficção, mostra-se como uma fórmula capaz de atrair espectadores distintos e diversificados, os quais podem ser unidos pelas emissões televisivas espetaculares.

O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de *fait divers* (REZENDE, 2000, p. 25).

O telejornal espetacularizado tem como característica a apresentação exaustiva de imagens que acabam dando a impressão de serem mais reais que a própria realidade que deu origem a elas. O telejornal, geralmente, apresenta uma pauta variada e é um dos destaques dentro da programação televisiva; é um dos elementos de credibilidade de uma emissora de TV. É alimentado por fontes de informação nacionais e internacionais, além de apresentar especificidades que o diferenciam da imprensa escrita e falada, como



a apresentação da imagem, que dá uma impressão de completude ao fato, casada com a narração que amplia os sentidos do que foi veiculado via imagem (SZPACENKOPF, 2003).

Szpacenkopf (2003) defende a idéia de que um telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades por apresentar entre os temas de destaque em sua pauta as notícias de sofrimento e de violência. Tal violência, muitas vezes, resulta em morte. A última, independentemente do que a causou, é, na maior parte dos casos, apresentada com um “recorte” espetacular.

Os espetáculos de sofrimento, morte, catástrofes e violência têm presença marcante nos telejornais. Atuais, ainda que repetitivos, habitam excessivamente noticiários, o que em nossa opinião fala mais do que uma questão de banalização. O excesso de violência na mídia deve-se ao fato não só de ela já fazer parte de um de seus agendamentos, mas porque constitui um dos temas que mais interessam ao espectador (SZPACENKOPF, 2003, p. 253).

Os espetáculos de violência e morte são atrativos ao grande público. Szpacenkopf (2003) evidencia que mesmo os que dizem não gostar de violência acabam sendo atraídos por contemplá-la nos meios de comunicação e acabam se interessando por notícias com este conteúdo, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (SZPACENKOPF, 2003, p. 257).

De acordo com Szpacenkopf (2003), a sedução é fundamental para o consumo de notícias. A autora ressalta que a informação midiática atende a dois objetivos que são contraditórios: o do fazer-saber e o da captação. No caso do objetivo de captar recursos e espectadores, a sedução é uma estratégia muito importante. As notícias sobre violência e as temáticas que giram em torno dela, como a morte, ocupam diariamente os espaços dos telejornais. E quando tais notícias chegam aos espectadores, elas já são o resultado do trabalho de uma equipe de produção, que se empenhou em selecionar o melhor ângulo, o que fosse mais espetacular e sedutor para poder chamar a atenção do público.

A espetacularização no jornalismo televisivo é uma das formas de atrair a atenção do telespectador, atuando na produção de sentidos. Com a propagação da informação de forma espetacularizada, nos encontramos frente a uma forma diferenciada de transmissões, a qual é atrativa e tem retrospecto entre o público. No



caso da apresentação da morte no jornalismo de televisão, torná-la espetacular é deixá-la mais urgente e fascinante.

A apresentação da morte no jornalismo televisivo diversas vezes é dotada de ingredientes que vão muito além da simples apresentação do fato; são levados ao ar os anseios dos parentes dos que morreram; choros e gritos têm espaço nos telejornais; e pessoas emocionadas podem dar seus depoimentos demonstrando seus sentimentos em decorrência do acontecimento da morte. No caso de mortes relacionadas a crimes, ocorre uma construção da imagem dos criminosos, que geralmente são apresentados como essencialmente maus, e das vítimas, que são mostradas como dotadas de qualidades.

AD Francesa

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais, políticas e culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema linguístico (ORLANDI, 2001).

A AD procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as condições de produção. Ela não toma a língua como um sistema abstrato, mas como inserida no mundo, fazendo parte da vida dos homens, isto é, de sujeitos os quais ocupam determinada posição como membros da sociedade (ORLANDI, 2007).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007, p. 47).

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada



aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

No caso específico do discurso jornalístico, Mariani (1998) explica que a produção de sentidos das notícias se dá a partir de um jogo de influências no qual estão presentes as impressões do próprio jornalista (que são sujeitos históricos), dos leitores e, também, da linha política do jornal.

No caso do Jornal Nacional e do Jornal da Band, que têm discursos notadamente polifônicos, é relevante falar em paráfrase – compreendendo a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também podemos dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2007). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

Os Criminosos no JN e no JB

O Jornal Nacional, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e tem o respaldo dos apresentadores, Fátima Bernardes e William Bonner, para apresentar temáticas polêmicas como a morte. No caso “Eloá”, que é o evento de morte principal das edições em estudo, o telejornal destinou boa parte do tempo que ficou no ar para relatar minuciosamente os principais detalhes do acontecimento. A cobertura ao enterro foi digna do funeral de uma celebridade.

Da mesma forma, o Jornal da Band, da Rede Bandeirantes, também possui um discurso com características interessantes para serem analisadas. O programa, no período correspondente ao *corpus* desta pesquisa, também fez uma exploração minuciosa dos detalhes do caso “Eloá”.

A questão da repetição de sentidos no JN e no JB torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise da apresentação dos criminosos no jornalismo televisivo a partir das matérias sobre a finitude humana, com foco no Jornal Nacional e no Jornal da Band.



O corpus é composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o corpus. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg³.

Vamos nos deter, usando a metodologia da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores das seis edições do Jornal Nacional e das seis edições do Jornal da Band que fazem parte do *corpus* deste estudo. Por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos instituídos sobre os criminosos no discurso de todos os locutores⁴ presentes nas matérias sobre a morte nos programas em estudo.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band, na transmissão de mortes por criminalidades, ao retratarem o criminoso⁵, apresentam uma construção discursiva baseada em lógicas de simplificação e de redução. Geralmente, não demonstram os seres humanos como transitando entre tensões e contradições, mas como pessoas que são “isto ou aquilo”. É uma fórmula superficial. Os criminosos são mostrados como tendo múltiplos defeitos, a sua imagem está associada a uma visão plana, sem complexidade e não problematizada, de um indivíduo essencialmente mau. As falas da maior parte dos locutores condenam os criminosos, contribuindo para reforçar uma lógica maniqueísta.

As Sequências Discursivas seguintes mostram a caracterização do criminoso como necessariamente mau no Jornal Nacional:

Apresentador William Bonner- Segundo a polícia, *Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.*

³ Além do caso “Eloá”, outras mortes foram apresentadas no período correspondente ao corpus deste estudo.

⁴ Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

⁵ “Geralmente, diz-se *criminoso*, a pessoa que pratica ato condenado pela lei ou pela moral. Mas, a rigor, entende-se criminoso toda pessoa a quem se imputa a prática de um crime, como tal qualificado em lei. A qualificação ou definição legal do fato como crime e a imputação a certa pessoa, como agente de sua prática, é que caracteriza a qualidade de criminoso” (SILVA, 1998, p. 232 - 233).



Lindemberg Alves - *Não tenho expectativa de vida mais não, mano. Dá um tempo para mim que estou precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Repórter César Galvão - *Lindemberg vai ser processado por: cárcere privado, disparo de arma de fogo, tentativa de homicídio e homicídio qualificado. A polícia já ouviu pelo menos 19 pessoas. Nesta segunda, foi a vez do irmão mais velho de Eloá.*

Policial Adriano Giovaninni- *O Gate não errou, quem errou foi o Lindemberg. Ele errou de ter procurado uma arma, premeditado o sequestro, ficar lá cinco dias e fazer o que fez no final. A única pessoa que errou foi ele.*

Repórter Maurício Ferraz - *Lindemberg disparou várias vezes contra os policiais. Quando a munição acabou, ele jogou a arma e levantou as mãos para o alto. Imagens mostram que Lindemberg resistiu à prisão.*

Repórter Karen Schimidt - *Lindemberg está em uma cela de seis metros quadrados e dorme em um colchão no chão. Ele só pode receber a visita da advogada, que não veio aqui hoje. Nesta penitenciária, estão presos envolvidos em casos de grande repercussão, como Alexandre Nardoni, acusado de matar a filha Isabella, e os irmãos Cravinhos, condenados em 2006 pela morte do casal Richthofen. Lindemberg está em regime de observação e ficará isolado durante dez dias.*

O criminoso Lindemberg Alves, assassino de Eloá Pimentel, tem sua imagem, no JN, associada ao *desequilíbrio*. É tratado como *alguém que errou, como uma pessoa perigosa e violenta*.

Com a observação do discurso do Jornal Nacional, fica evidente que em coberturas de mortes por assassinatos são dadas poucas oportunidades de manifestação às pessoas ligadas aos criminosos. O discurso do telejornal geralmente é construído com referências em fontes ligadas às vítimas e em autoridades policiais. Desta forma, o discurso do JN, ao caracterizar as pessoas que cometeram crimes, adquire caráter unívoco e pouco polêmico⁶.

A caracterização, no Jornal da Band, do criminoso como alguém com muitos defeitos pode ser evidenciada nas Sequências Discursivas:

Repórter Kiko Ribeiro - *Paulo era o melhor amigo. Conta que depois de terminar o namoro com Lidemberg, Eloá passou a ser ameaçada.*

Bianca Araújo (Delegada) - *O viram subindo e descendo, né. Além dele continuar evadido, já não voltou à sua residência, seus parentes não sabem dele.*

⁶ Nos casos que compõem o corpus deste trabalho, falas dos réus ou de pessoas ligadas a eles são quase inexistentes, e quando aparecem, na maioria das vezes, são para condená-los.



Repórter Sérgio Costa - Era meia noite quando Roberto chegou ao apartamento. Ele foi recebido pela empregada. *O motorista disse que precisava falar com o patrão porque o pai dele teria sofrido um acidente. O encontro durou menos de 10 minutos. Houve discussão e um disparo foi ouvido.*

Apresentadora Ticiania Villas Boas- O suspeito de matar o empresário Artur Sendas, no Rio de Janeiro, acaba de se entregar à polícia. *O motorista Roberto Costa Júnior, de 28 anos, foi flagrado pelas câmeras de segurança do prédio onde morava o empresário, no Leblon. E já teve a prisão temporária decretada.*

Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil deve concluir o inquérito sobre a morte de Eloá até o início da semana que vem. *O ministério público já adiantou que vai denunciar Lindemberg por duas tentativas de homicídios, cárcere privado, disparos de arma de fogo e homicídio duplamente qualificado, por motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima. A pena mínima do caso condenação é de 25 anos.*

Antonio Nobre (Promotor de justiça criminal) - *O causador da morte foi Lindemberg. Demonstrou intenção, premeditou o crime. Antes mesmo de invadir o apartamento já havia demonstrado aos amigos, dizendo que iriam ouvir falar dele.*

Apresentadora Ticiania Villas Boas – *O suspeito pelos crimes é William Balfour, de 27 anos, que já está preso. Ele foi casado com a irmã da atriz e passou sete anos na cadeia por tentativa de homicídio e roubo de carro.*

No JB, Lindemberg também é apresentado como *perigoso, como tendo cometido vários crimes e como ciumento e desequilibrado.*

Cabe a observação de que o Jornal da Band se focou, na edição do dia 20 de outubro de 2008, na análise do comportamento e de “traços de psicológicos” de Lindemberg Alves, o que acentuou a caracterização do caráter mau e perturbado do criminoso.

Apresentadora Ticiania Villas Boas - *As imagens da negociação entre a polícia e Lindemberg mostram a agressividade do assassino e a tentativa das famílias de convencer o sequestrado a se entregar. Dois especialistas analisaram as gravações.*

Lindemberg Alves- *Tô precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Lindemberg Alves - *“Eu vou matar ela e você nem vai saber. Eu vou amarrar ela e esfaquear ela e me esfaquear”.*

Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - *O homem mata a mulher para se vingar de uma rejeição e ele mata porque ele acha que aquela mulher é um objeto dele.*

Repórter Fernanda Bak - O fornecimento de água e luz é cortado, *Lindemberg reivindica o restabelecimento de energia.*



Jacob Goldemberg (Psicólogo) - *O tempo todo ele fica entre a impotência e a onipotência. Eu quero que a outra menina volte. Agora eu quero que ascenda a luz.*

Lindemberg Alves - *Não quero mais ela. Nunca mais na minha vida. Estou com ódio dela.*

Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - *É passional, é cruel e ele tem um ódio imenso dentro de si, ele é destruidor.*

Lindemberg Alves - *Eu só quero ter espaço. Quero pensar...Ter um caminho. Um caminho que estou pensando. Quero ficar sozinho. Não quero ver ninguém.*

Por outro lado, na edição do dia 23 de outubro de 2008, o JB apresenta uma espécie de complexificação na personalidade de Lindemberg Alves. O assassino, que até então foi completamente caracterizado como frio, tem o seu lado sentimental demonstrado ao ficar sabendo do falecimento de Eloá.

Ana Lúcia Assad (advogada de Lindemberg) – *Ele ficou muito chocado, ficou muito triste, muito emocionado.*

Com a observação do discurso do Jornal da Band, fica evidente que o telejornal apresenta os que cometeram crimes como pessoas com desvio de caráter e como propensas à prática de atos prejudiciais para o meio social. Essas pessoas são demonstradas, muitas vezes, como sem frias e sem escrúpulos

Considerações Finais

Estudar o discurso televisivo significa descobrir elementos que estão muito além do que parece óbvio aos olhos do telespectador. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens. Nosso esforço foi concentrado na busca de indícios sobre os principais sentidos instituídos sobre criminosos em reportagens sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band.

É pertinente dizer que os dois telejornais estão longe de retratar os crimes com objetividade jornalística e de levar em consideração a velha ideia da imparcialidade. A opinião do JN e do JB sobre os envolvidos nos crimes fica visível a quem analisar os discursos deles de forma minuciosa. Não há uma problematização e uma



complexificação da imagem dos criminosos e das vítimas. As vítimas geralmente são caracterizadas como pessoas inocentes. Já os criminosos normalmente são retratados como pessoas que fizeram mal às vítimas. Aqueles que cometeram crimes são caracterizados pelos dois telejornais estudados como repletos de defeitos e, dessa forma, acabam representando problemas para a sociedade.

Não há como negar a violência dos crimes e não se trata de defender os “criminosos”. Mas, ressalta-se que se a mídia desse lugar a outras lógicas de enunciação, talvez tivéssemos vítimas também caracterizadas como imperfeitas. E pode-se inferir que acaba ocorrendo uma espécie de condenação às pessoas que cometeram crimes através do discurso midiático.

Na análise do corpus deste estudo, é válido destacar que o Jornal Nacional e o Jornal da Band fogem do seu “tratamento habitual” aos criminosos em raras situações. Esses, na maioria das vezes, são tratados como essencialmente maus. O JN e o JB, ao caracterizarem as pessoas que cometeram crimes, rumam para condutas similares. Eles levam muito mais em conta as características da espetacularização do que as bases do jornalismo.

Referências Bibliográficas

- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- SCZPACENKOPF, Maria Izabel. *O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SILVA, Oscar José de Plácido e . *Vocabulário Jurídico*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998.